



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

A INSERÇÃO ECOLÓGICA COMO PROPOSTA DE ESTUDOS NAS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO

Luciana Barbosa da Silva Vega¹

RESUMO

O presente artigo objetiva problematizar a Inserção Ecológica nas classes de alfabetização, contemplando a metodologia da Teoria dos Sistemas Ecológicos em suas quatro dimensões fundamentais, ou seja, o processo, a pessoa, o contexto e o tempo. Busca na realidade cotidiana escolar, especificamente, nas salas de aula alfabetizadoras, parâmetros e fundamentos que possibilitem a análise de entendimentos e novas interpretações que surgem sobre o desenvolvimento humano e sua constituição, e assim verificando a construção do sujeito/participante como ser/agente de sua trajetória pessoal e da história coletiva. No construir efetivo através da ação/reflexão/ação, procuramos perceber um universo de leituras e (re)leituras, do individual e coletivo, configurando as diferentes identidades, culturas e pertencimentos os quais perfazem elos que compõe a sistematização ecológica integrada ao dia-a-dia alfabetizador e a complexidade do desenvolver humano.

Palavras – chave: Inserção Ecológica – Desenvolvimento Humano - Alfabetização

ABSTRACT

The present article aims at to problematize the Ecological Insert in the literacy classes, contemplating the methodology of the Theory of the Ecological Systems in their four fundamental dimensions, in other words, the process, the person, the context and the time. Looking for in the school daily reality, specifically, in the classrooms literacy, parameters and foundations that make possible the analysis of understandings and new interpretations that appear about the human development and his/her constitution we verified the construction of the participant/subject as to be an agent of his/her personal path and of the collective history. In building effective through the action/reflection/ action, we tried to notice an universe of readings and to read again, of the individual and collective, configuring the different identities, cultures and to belong which to do links that it composes the ecological systemization integrated into the day by day of literacy and the complexity of developing human.

Keywords: Ecological insertion - Human Development - Literacy

¹ Licenciada em Pedagogia Anos Iniciais – Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Mestranda em Educação Ambiental/MEA do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGEA/FURG- CEP 96201-900 – Rio Grande – Rio Grande do Sul – Brasil - vegaluciana@hotmail.com

1 – Primeiras Considerações

Perceber as possibilidades de conexões entre Educação Ambiental, Alfabetização como Inserção Ecológica nas práticas educativas cotidianas, nos remete a um exercício complexo e estimulante. As temáticas citadas abordam múltiplas questões no contexto diário e na trajetória de vida das pessoas, especificamente, dos educandos, que descobrem a inserção ecológica tanto na Alfabetização, como nas propostas que contemplam a Educação Ambiental estabelecendo canalizações para novas formas de ver, pensar e agir no mundo.

Segundo Ferreira e Teberosky:

As crianças não aprendem simplesmente porque vêem os outros ler e escrever e sim porque tentam compreender que classe de atividade é essa. As crianças não aprendem simplesmente porque vêem letras escritas e sim porque se propõem a compreender porque essas marcas gráficas são diferentes de outras [...] não aprendem simplesmente porque vêem e escutam, e sim porque elaboram o que recebem, porque trabalham cognitivamente com o que o meio lhe oferece. (1984, p.95)

Na alfabetização, a leitura não significa decifrar, assim como, o copiar não é escrever, tornando-se necessário compreender o que se lê ou escreve. Esse processo cognitivo deve contemplar habilidades além de meras decodificações mecanizadas ou descontextualizadas, ao elaborar e concretizar cada nível de conhecimento, que se realiza de maneira integral e integrada, e que reflete nas construções/reconstruções da aprendizagem, transformando tais ações em instrumento social.

Nesse consenso a educação ambiental enfoca sua urgência e relevância, ao ser apresentada, discutida e problematizada, no trabalho contínuo/permanente do espaço aula (e ao transcender do mesmo), perfazendo nas trocas que ocorrem no grande grupo, interpretações pessoais e coletivas, como os novos entendimentos, atitudes, ao despertar para uma luta diária em prol do hoje e do agora, do ser/agente e do ser/sujeito, envolvendo os educandos/educadores em mobilizações e transformações da realidade.

Ao adentrarmos nas diversas realidades contextuais que a Inserção Ecológica enfatiza torna-se fundamental recorrermos a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano – TBDH², ou seja, perceber nesse estudo o processo, as pessoas, o contexto e o tempo. Dessa maneira, estamos integrando a sala de aula e além dela, como espaço de tais interações, contemplando como participantes os educandos, educadores e outros atores sociais que permeiam as inter-relações que se constituem através do diálogo, reflexão e ações.

² Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano: como base teórica da Inserção ecológica, propõe que o desenvolvimento humano seja investigado e compreendido, na ótica de quatro dimensões inter-relacionadas: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo.

São as trocas, os novos entendimentos e significados que surgem nas diferentes dimensões de inserção nos múltiplos contextos como os *microsistemas*, *mesossistemas*, *exossistemas* e *macrossistemas*² que configuram o desenvolvimento humano, segundo Bronfenbrenner. Esses diferentes contextos que o Sistema Ecológico contempla são na verdade, os inúmeros espaços relacionais que estamos acostumados a vivenciar, com ações, omissões, pertencimentos, modificações, e por tanto, cada núcleo analisado, com seus respectivos atores, possuem seu papel relevante no desenvolvimento humano.

Ao delimitar tais contextos como inserção ecológica, especificamente, na esfera das classes de alfabetização, percebe-se as experiências, o compartilhar **no** e **com** o coletivo, como também, novas interpretações do eu, do outro e do universo.

Quando falamos de Inserção Ecológica não podemos esquecer concepções essenciais que nos traz Urie Bronfenbrenner ao focar diferentes ambientes sociais, compondo a trajetória do desenvolvimento humano, com toda sua cultura, linguagem, política, relações afetivas...

A inserção ecológica foca as pessoas, no caso em especial, os educandos, em seu mundo real, de maneira ativa, como sujeito/agente transformador. O autor revela e nos chama atenção para os ambientes sociais nas suas diferentes formas, reconhecendo o papel efetivo de ação dos indivíduos ao transformar e ser transformado pelos contextos sociais.

A inserção ecológica é gradual, e seu desenvolvimento é sempre contextualizado, de forma duradoura e significativa, assim, se abordamos a questão da educação ambiental na alfabetização, percebemos a inserção das temáticas nos educandos e esses como multiplicadores ambientais, nas diferentes dimensões em que se relacionam e agem.

De acordo com Bronfenbrenner (1996/2002), *é uma mudança duradoura na maneira pela qual uma pessoa percebe e lida com seu ambiente... e persistem em outros lugares, em outros momentos.*

A importância de promover a integração nas relações que surgem, no âmbito de diferentes universos - escolar, familiar, cotidiano, coletivo e individual - interligando a alfabetização, educação ambiental e a inserção ecológica com suas significações, não se restringem a leitura e escrita mecânica, nem a passividade quanto a reflexão e ação sobre as leituras de mundo que se apresentam e dos novos entendimentos que permanentemente se constitui.

Esses encontros de várias vertentes que enfatizam o desenvolvimento humano e toda a sua complexidade constituem-se como rede de inter-relações, de sociobiodiversidade, de

cultura, de ações efetivas que otimizam as construções do indivíduo, da sociedade e da história na qual esse sujeito age e transforma.

Ao analisarmos a proposta apresentada que aborda a Educação Ambiental e a Alfabetização nas práticas educativas diárias, assim como, a inserção ecológica nas relações que se constituem, percebemos nesse contexto do desenvolvimento integral do educando:

A ecologia do desenvolvimento humano envolve o estudo científico da acomodação progressiva, mútua, entre um ser humano ativo, em desenvolvimento, e as propriedades mutantes dos ambientes imediatos em que a pessoa em desenvolvimento vive, conforme esse processo é afetado pelas relações entre esses ambientes e pelos contextos mais amplos em que os ambientes estão inseridos. (BRONFENBRENNER, 1996/2002, p.18)

Como educadores torna-se importante atentar nossos olhares as construções individuais de cada aluno, que ao ingressar no espaço escolar, concretizam suas leituras e entendimentos, e principalmente, (re)significam, elaboram novas percepções do universo e de seu papel como agente desse mesmo universo.

Ao valorizar as identidades e bagagens sociais do educando, torna-se possível compreender melhor seu cotidiano, anseios, a vida na comunidade, e essa percepção é essencial ao reconhecer sua singularidade e sua ação no coletivo.

2 – Dialogando com autores

Ao pesquisar e analisar alguns enfoques imprescindíveis que abordam as temáticas apresentadas, como a educação ambiental e a inserção ecológica, nas classes de alfabetização, e das múltiplas interações que essa união propõe, no exercício diário das práticas educacionais em sala de aula, apresentamos através de diferentes referenciais teóricos, fundamentos que corroboram tal integração no desenvolvimento do processo de aprendizagem do educando, como ser humano, aluno e como cidadão.

Podemos destacar como nominata que subsidiou o presente estudo: Urie Bronfenbrenner, Vygotsky, Emilia Ferreiro, Aloísio Ruscheinsky, Paulo Freire, Isabel de Moura Carvalho, Chico Alencar, dentre outros autores.

É essencial confirmar a importância desses autores e suas concepções/abordagens que enriquecem a proposta ao conectar os temas educação ambiental, alfabetização e a inserção ecológica, especificamente, nas práticas educativas cotidianas, proporcionando suportes, ou seja, novas maneiras de perceber e sensibilizar o olhar docente para ações mais reflexivas, criativas, autônomas e humanizadoras.

Para Bronfenbrenner (1996/2002), *na pesquisa ecológica, as propriedades da pessoa e do meio ambiente, a estrutura dos cenários ambientais e os processos ocorrendo dentro e*

entre eles devem ser considerados como interdependentes e analisados em termos de sistemas.

Ao estabelecermos tais concepções e as teias que formam redes integradoras, partilhando das temáticas abordadas, temos a educadora ambiental Isabel Cristina de Moura Carvalho em matéria a Revista Nova Escola:

[...] chama de formação do sujeito ecológico, nome usado para definir o que seria o modelo ideal de um ser humano que tem e dissemina valores éticos, atitudes e comportamentos ecologicamente orientados [...] não dá para tratar só de natureza. Qualquer trabalho deve incluir a relação com a cidade e seus moradores. (2007, p.44,47)

A mesma autora também apresenta a importância das relações estabelecidas com os educandos, educadores, escola e comunidade quanto a Educação Ambiental, não por modismos, ou pela mídia, mas por consciência de uma qualidade de vida concreta, coerente e solidária. Podemos captar na citação referida os elos das diferentes dimensões do sistema ecológico do desenvolvimento humano que se constitui para que haja transformação de realidades.

O Doutor em Sociologia Aloísio Ruscheinsky, defende:

A educação ambiental pode se constituir num espaço revigorado da vida escolar e da prática pedagógica, reavivando o debate dentro e fora da escola, permitindo uma maior conexão com a realidade dos educandos, possibilitando uma ação consciente e transformadora das posturas em relação ao mundo e aos semelhantes.[...] Isto poderá conduzir a um relacionamento mais concreto entre as escolas, as comunidades locais e o meio ambiente onde estão inseridas [...] A educação ambiental transcende a sala de aula como o *locus* do aprendizado e, necessariamente, aproxima o professor dos estudantes e suas realidades, possibilitando desafios a ambos em relação ao aprendizado contínuo, onde o meio ambiente consolida-se como um parceiro fundamental.(2003, s/p).

Ruscheinsky nos fala de maneira pontual sobre os papéis que exercemos dentro e fora da sala de aula, desse transcender que objetiva toda uma reflexão/ação que mobiliza, que nos faz entender a história que estamos construindo, ao mesmo tempo em que nos construímos com essa e nas relações com os outros. Podemos salientar outras abordagens da temática Educação Ambiental que enriquecem e nos fazem questionar como educadores, no caso de classes de alfabetização, sobre as relações que se estruturam na inserção ecológica de tais envolvidos.

Segundo os autores Marta Pernambuco e Antonio Fernando G. da Silva, constatamos a relevância de propor ações e modificações nas atitudes diárias no âmbito escolar, e no transpor tal espaço, fazendo das aulas de alfabetização e educação ambiental, não somente momento de reflexão, aprendizagem, mas de autonomia, ação crítica, cidadania, e assim:

[...] Paulo Freire constituiu a sua obra, tendo como base a reflexão sobre a ação educativa transformadora dos homens e do mundo [...], tendo como horizonte a construção de uma nova sociedade. Partindo de experiências concretas, buscando fundamentá-las, constrói um pensamento que une a ação à reflexão, apontando como exigências de uma ação transformadora a constituição de trocas efetivas, recriando o conhecimento e saberes [...] Uma vez que as temáticas são significativas, porque percebidas como tal e porque possibilitam a conquista de novas visões de mundo [...] Ao considerar todos os participantes da ação educativa como sujeitos, lida com a totalidade do ser humano e sua potencialidade como produto e produtor da História [...] Enfim, por abordar a totalidade dos sujeitos em sua ação transformadora do mundo, refletindo sobre práticas dessa ação, pode contribuir para os que desejam abordar a educação ambiental também como uma prática de mudança do mundo. (2006, p. 200)

A inserção ecológica deve ser vivenciada e percebida de maneira contextual, atuante e fundamentada nas questões múltiplas que atende essa temática, que na verdade é a vida cotidiana, nossas ações perante o que queremos no presente como forma de transformar o mundo em um lugar mais justo, consciente, solidário.

Para Chico Alencar (2003) em *Educar é Humanizar, Educar [...] é edificação assentada nos pilares da originalidade, da cooperação e erguida com o cimento da solidariedade. O conhecimento que não é compartilhado é vazio [...]*

São tais propostas diárias e efetivas, ao entrelaçar a Alfabetização e Educação Ambiental e a Inserção Ecológica, que perfazem construções duradouras e significativas, enfatizando o aluno como sujeito construtor de seu destino e da vida coletiva.

3 – As classes de alfabetização e os sistemas ecológicos.

Conforme as análises que estamos construindo através dos referenciais/fundamentos teóricos que substanciaram esse estudo, é imprescindível focar a inserção ecológica tendo como suporte a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH), que nos mostra diferentes grupos, onde o investigar/pesquisar deve ser uma atuação efetiva e participante, compartilhando/devolvendo respostas coerentes com as necessidades/especificidades desses grupos sociais, no desenrolar de sua organização estrutural e funcional.

Realizando trocas individuais e coletivas, conhecendo e reconhecendo as pessoas envolvidas, o sentido de identidade e reconhecimento dessas nas relações que se constituem, em um tempo e espaço determinado, com contextos diversos, autênticos, e que transcendem outras dimensões e sistemas relacionais, perfazem as dinâmicas dessas redes relacionais que impulsionam construções significativas no desenvolver humano, no caso analisado, as crianças/participantes das classes alfabetizadoras.

Sob tais alegações, verificamos subsídios que contemplem as relações construídas entre a Educação Ambiental e as classes de Alfabetização, tendo como aporte o Sistema Ecológico, ou seja, em suas dimensões que englobam o processo, as pessoas, o tempo e o contexto, nas integrações sociais/individuais/coletivas.

Ao analisar cada um desses elementos, destaca-se:

O ambiente ecológico é concebido como uma série de estruturas encaixadas uma dentro da outra, como um conjunto de bonecas russas. No nível mais interno está o ambiente imediato contendo a pessoa em desenvolvimento. Este pode ser a casa, a sala de aula, [...] O próximo passo [...] nos conduz para fora do caminho conhecido, pois requer que olhemos além dos ambientes simples e para as relações entre eles.[...] essas interconexões podem ser decisivas para o desenvolvimento quanto os eventos que ocorrem num determinado ambiente. A capacidade de uma criança de aprender a ler nas séries elementares pode depender tanto de como ela é ensinada quanto da existência e natureza de laços entre a escola e a família.

O terceiro nível do desenvolvimento ecológico [...] invoca a hipótese de que o desenvolvimento da pessoa é profundamente afetado pelos eventos que ocorrem em ambientes nos quais a pessoa nem sequer está presente.[...] Finalmente, existe um fenômeno notável pertencente aos ambientes em todos os três níveis do meio ambiente ecológico delineado acima: dentro de qualquer cultura ou subcultura, ambientes de um determinado tipo – como as casas, as ruas, os escritórios – tendem a ser muito semelhantes, ao passo que entre as culturas elas são distintamente diferentes. É como se dentro de cada sociedade ou subcultura existisse uma planta, um esquema, para a organização de cada tipo de ambiente. Além disso, este esquema pode ser modificado resultando em que a estrutura dos ambientes numa sociedade pode ser nitidamente alterada e produzir mudanças correspondentes no comportamento e desenvolvimento. (BRONFENBRENNER, 1996/2002, ps. 5 e 6)

O que o autor ressalta em suas palavras, direciona as percepções quanto ao microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema, e toda a conjuntura de inserção das relações diárias e do desenvolvimento humano, com tal contexto. Focalizando as classes de alfabetização como objeto de estudo, na concepção da Inserção Ecológica visualizamos esse micro/mesossistema – sala de aula, não dissociado dos outros ambientes, apesar de sua especificidade, no desenvolver de cada participante, com seus papéis sociais, suas identidades e os novos entendimentos/leituras de mundo que se compõe no decorrer de suas trajetórias de vida.

Constitui em todo um processo, em dado tempo, com uma bagagem sócio-histórica, nas relações entre diferentes pessoas e contextos. Tais interconexões sociais entre os ambientes, com trocas, participação, comunicação, respeitando as colocações/construções do outro são relevantes para consolidação de uma atmosfera com liberdade e solidariedade.

Para a criança, assim como ao longo de sua vida, as transições ecológicas verificam-se bem consistentes em seu desenvolvimento e também em relação as outras pessoas que fazem parte desse universo de inter-relações. As transições ecológicas perfazem as mudanças de papéis sociais, com expectativas em relação aos diferentes comportamentos que se apresentam, nos diferentes contextos e tempos.

Segundo Bronferbrenner (1996/2002), *ocorre uma transição ecológica sempre que a posição da pessoa no meio ambiente ecológico é alterada em resultado de uma mudança de papel, ambiente, ou ambos.*

Podemos observar a inserção dos educandos, especificamente, das classes de alfabetização, nesse Sistema da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, modelo teórico delineado por Bronfenbrenner, e tendo como foco principal o ambiente:

[...] o contexto em que o indivíduo estava inserido e a forma como ele o percebia mais do que como ele se configurava objetivamente, era fundamental para compreender o desenvolvimento.[...] ao longo do curso de vida, o desenvolvimento humano acontece através de processos de interações recíprocas progressivamente mais complexas entre um organismo humano ativo em evolução biopsicológica, e pessoas, objetos e símbolos no seu ambiente externo imediato. Para ser efetiva, a interação deve ocorrer numa base consideravelmente regular, através de longos períodos de tempo. [...] o ser humano... como ser biológico e psicológico, interage constantemente com seu contexto e é produto deste processo de interação.[...] e deparou-se com a questão do tempo e sua influência natural no desenvolvimento humano [...] esse conceito reforça a idéia do envolvimento interconectado da pessoa em seu contexto com os processos ao longo do tempo. Tal inclusão indica o reconhecimento da mudança constante e da impossibilidade de desenvolvimento sem o estabelecimento de processos interacionais. O tempo exerce um papel no desenvolvimento, a partir de transformações e continuidades características do ciclo vital. (KOLLER et al, 2008)

Ao perceber, experienciar e agir, de maneira efetiva, em sua caminhada como ser humano (criança, aluno, cidadão), os educandos vivenciam a inserção em diferentes sistemas ecológicos, com diferentes papéis, e nas relações com diversas pessoas. Esses múltiplos contextos, diretamente contemplados em um tempo (que não se consolida como inerte, e sim dinâmico, em constante movimento), apresentam as transformações vivencia das nas classes de alfabetização, nas trocas de opiniões, nas diversas realidades, e perfazem interpretações sobre novas vertentes, contribuindo de forma pessoal e coletiva, com suas bagagens/identidades culturais, familiares e da comunidade onde estão inseridos.

Tais percepções transcendem o espaço aula, assim como, as relações com outros contextos, refletindo no crescimento/desenvolvimento humano desses alunos, que se compreendem como participantes, desde o micro até o macrossistema, nas interações face-a-face, como também, nas forças resultantes das influências globais e ao mesmo tempo, específicas, na vida dos mesmos.

4 – Alfabetização e a Inserção Ecológica do Desenvolvimento Humano: Reflexão e Ação cotidiana na sala de aula.

Um sujeito alfabetizado é capaz de exercer/agir com êxito nas diversas situações que o uso da língua escrita exige ou apresenta, e não estamos falando em codificar ou decodificar

simplesmente mensagens, textos. Esse exercício vai além de condicionamentos, códigos e regras, estando implicado a um conhecimento maior, de diversidade, interpretações e leituras de mundo, compreendendo a função social de tal instrumento, ou seja, a escrita e a linguagem escrita.

Paulo Freire na obra *Pedagogia do Oprimido*, vai além ao problematizar sobre o papel que cada ser humano desempenha na luta diária para transformações que viabilizem mudanças efetivas para um viver mais solidário.

De acordo com Freire (1987), *a educação autêntica, repitamos; não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele.*

E ainda o autor lembra sobre *ser* e o *estar sendo* neste contextualizar com o mundo:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo [...] ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu[...] Se é dizendo a palavra com que, pronunciando o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. (1987, p.78 e 79)

Tal pensamento nos remete as relações e inter-relações que estruturamos em busca de reflexões e ações educativas diárias no espaço escolar, assim como, fora dele, no cotidiano, tanto dos educandos, como na nossa vida profissional e pessoal, e por tanto, ao contemplar o tema educação ambiental na sala de aula e a inserção ecológica que ocorre nesse microsistema (em cadeia com os outros sistemas em que os participantes estão conectados) torna-se relevante destacar os elos que estamos propondo com a alfabetização (em sua função social), como elemento fundamental de integração do educando em um universo amplo, de conhecimento, criação e emancipação.

Nesse contextualizar, buscamos a inserção ecológica na prática diária de sala de aula, de forma consciente, com atitudes efetivas para modificar padrões que distanciam as pessoas do meio ambiente, dos outros e de si mesmas. Procurar integrar esse trabalho nas atividades cotidianas, conjuntamente a tarefa de alfabetizar é romper barreiras, despertar outras realidades, respeitar as vivências e dúvidas de cada educando, transpor o espaço-aula, realizar as trocas no grande grupo, ver e descobrir-se equipe.

Na alfabetização vivenciamos um processo rico e complexo, que engloba uma rede de inter-relações, sob a análise de uma estrutura programática pré-estabelecida em face de

diferentes ritmos, experiências, bagagens e identidades que representam à realidade e a percepção de cada educando.

Devemos reconhecer e principalmente valorizar as construções estabelecidas anteriormente ao ingresso na vida escolar, observando a diversidade que cada indivíduo contempla, assim como, as relações que permeiam sua vida coletiva, contribuindo para o desenvolvimento do aluno, de maneira pertinente e essencial, ao dar seguimento a novas interpretações do universo, do que se espera desse e como agir nele.

Freire (2004) defende que ler o mundo, *trata-se de aprender a ler a realidade (conhecê-la) para em seguida poder reescrever essa realidade (transformá-la)*.

Ao defender a conscientização e autonomia dos educandos, Freire argumenta a valorização da cultura do aluno, onde educador e educando aprendem juntos, de forma reflexiva, emancipatória, humanizadora e democrática, e assim, percebendo cada dimensão do sistema ecológico que permeia a vida desses participantes, em cada esfera, exemplificando, como no microsistema, o mais próximo/imediato, ou o mesossistema como relação intra-sistemas que conectam na vida do educando outras inserções cotidianas, ou ainda o exossistema com sua influencia, não diretamente, mas que perfaz a rede de inter/intra-relações diárias e por fim, o macrosistema que estrutura-se como uma arquitetura englobando todos os outros sistemas em que atuamos e fazemos parte.

Sobre nosso papel como educadores ao abordar educação ambiental, alfabetização e a inserção ecológica estabelecida nessas relações, devemos lembrar que estamos exercendo uma maneira de intervenção no mundo, e neste contextualizar, especificamente no ambiente escolar e no cotidiano, destacamos a construção dos sujeitos, tanto na sala de aula, como na ação de transpor a mesma, que buscam pensar, criar e transformar, consolidando o sentido da autonomia que se apresenta, às mobilizações e a emancipação a partir da reflexão crítica sobre todo o processo contextual, que contempla as mais diferentes relações entre as pessoas e suas esferas significativas para cada participante nelas envolvidas, em um tempo e espaço determinado.

Sobre as bagagens pessoais ou conhecimentos prévios a autora Liliana Tolchinsky esclarece:

[...] reconhecer que, no início de sua vida escolar, o aluno traz para a escola uma bagagem importante, reconhecer que o sujeito contrapõe constantemente seus saberes adquiridos dentro e fora da escola às diferentes atividades e conteúdos escolares e aceitar que as contribuições do sujeito incidirão decisivamente em toda a sua história escolar. (2002, p. 108)

Podemos através de um novo olhar e ação educativa contemplar os diversos saberes, compartilhar com propostas cooperativas, em que os alunos tenham autonomia, podendo

expressar suas idéias, escutar outras, problematizando e criando alternativas e outras visões no seu processo de aprendizagem. Tal constatação nos remete as dimensões micro/meso/exo/macrossistêmicas que contribuem e influenciam primordialmente cada processo relacional, consolidando a inserção ecológica, no caso mencionado, as classes de alfabetização. O aprender norteado de significados proporciona ao aluno, o conhecer e o produzir, exercitando suas leituras/releituras, que amplamente ultrapassam a esfera da sala de aula, fazendo parte de uma análise contínua e permanente, do processo de crescimento individual, do relacionar-se com o coletivo e do contribuir efetivo nas mudanças sociais.

Esse (re)ler, significando e (re)significando nossas ações no mundo, devem fazer parte do momento de alfabetização, na inserção ecológica que perfaz as diferentes dimensões do Sistema Ecológico, integrando o papel social, mobilizador e solidário de tal proposta educativa, que possibilita descobertas, novos entendimentos, nas múltiplas linguagens que se apresentam neste construir, permeando a caminhada permanente do aprender, do ser cidadão e autor de sua história.

Segundo a autora Susana Molon (2003), *Vygotsky ao defender sua concepção de homem, afirmava que só existe o reconhecimento do eu no reconhecimento do outro. O outro determina o eu, ambos mediados socialmente.*

Reconhecer as constantes transformações sociais, seus reflexos, o ambiente escolar, as exigências de outros contextos em que socioculturalmente estamos inseridos, não só desafiam os educandos, mas também os educadores, ao problematizar a alfabetização, a educação ambiental, e os diversos papéis, desempenhados nesse processo múltiplo e contínuo em suas vidas. Com isso, estamos propondo a integração do aluno como cidadão, que se insere na busca de outros saberes, construindo novos entendimentos, respondendo, compreendendo e interagindo com os diferentes ambientes sociais, e como agente e construtor do mundo em que pertence, percebendo sua realidade e além dela, transformando-a, ao ultrapassar os muros escolares.

5 – Considerações Finais

O presente estudo defende esse novo olhar, sensível as descobertas, criações, autonomia e emancipação dos educandos, que ocorrem de maneira significativa ao trabalhar com a Educação Ambiental e Alfabetização nas práticas educativas diárias, percebendo os diferentes enfoques da Inserção Ecológica no desenvolvimento humano, ao contemplar os diversos processos, contextos, assim como as pessoas e o tempo em que se realizam tais

construções, no mundo, nos indivíduos e nas suas relações com o outro, ao vivenciar, atuar e transformar tais realidades.

Ao compor elos entre Educação Ambiental e a Alfabetização, de acordo com a Inserção Ecológica, verificamos as inter-relações estabelecidas no desenvolvimento humano, de forma emancipatória, que respeite as diferenças e os ritmos de cada envolvido nessas relações, configurando tal estudo em uma busca prazerosa, instigante e que desafia as práticas docentes, em questões profundas, complexas, de posicionamentos de formação profissional, de histórias de vida, de atitudes com o presente, canalizando múltiplas formas de pensar, agir e ser no mundo, como educadoras, cidadãs e solidárias nas múltiplas realidades que se apresentam. Finalizando Bronfenbrenner (1996/2002) expressa o que defendemos como proposta, ao confirma nosso papel como educadores e cidadãos, *Nenhuma sociedade pode se sustentar muito tempo a menos que seus membros tenham aprendido as sensibilidades, motivações e habilidades envolvidas na ajuda e no atendimento aos outros seres humanos.*

REFERÊNCIAS

ALENCAR, C. Educar é Humanizar. In: GENTILI, P. & ALENCAR, C. (Orgs), **Educar na esperança em tempos de desencanto**, 4ª edição Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

BRONFENBRENNER, U. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados**. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese, 2ª Reimpressão, Porto Alegre: Ed. Artmed, 1996/2002.

CARVALHO, I. C. M. **Em defesa do planeta** In: Revista Nova Escola, Ed. Abril - Maio/2007.

ESCHILETTI PRATI, L, PAULA COUTO, M. C. P, MOURA, A; POLETTTO, M e KOLLER, S.H – **Revisando a Inserção Ecológica: Uma proposta de Sistematização**, 2008.
Disponível em www.scielo.br/prc

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, 17ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **O mentor da educação para consciência**. In: Revista Nova Escola – Grandes Pensadores, Vol.1, São Paulo, Ed. Abril – dezembro/2004.

MOLON, S. I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis: Vozes, 2003.

PERNAMBUCO, M. M & SILVA, A. F. G. DA. **Paulo Freire: A educação e a transformação do mundo**. In: **Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a educação**

ambiental. (Orgs): Isabel Cristina Moura de Carvalho, Mauro Grün e Rachel Trajber. – Brasília: MEC, UNESCO, 2006. (Coleção educação para todos; 26)

RUSCHEINSKY, A. **As mediações entre o ambiental e a noção de sustentabilidade.** (2003) In: www.espacoacademico.com.br, Acesso em 15/07/2007.

TOLCHINSKY, L. Construtivismo em educação: consensos e disjuntivas. In: RODRIGO, M. J. & ARNAY, J.(Orgs) **Domínios do conhecimento, prática educativa e formação de professores – A construção do conhecimento escolar.** 1ª edição, São Paulo: Ed. Ática, 2002.